



B1

ISSN: 2595-1661

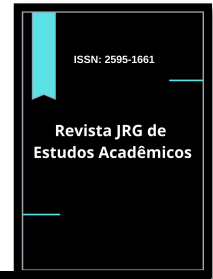
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Salas de Vacinação: desafios e dificuldades enfrentados pelos profissionais da enfermagem no processo de educação permanente

Vaccination Rooms: challenges and difficulties faced by nursing professionals in the continuing education process

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1244

ARK: 57118/JRG.v7i15.1244

Recebido: 28/04/2024 | Aceito: 11/07/2024 | Publicado *on-line*: 17/07/2024

Elilde Fonseca de Oliveira¹

<https://orcid.org/10009-0006-2039-4993>

<http://lattes.cnpq.br/4933403153511237>

Centro Universitário Dinâmica União das Cataratas, PR, Brasil

E-mail: oliveiraa.eli89@gmail.com

Wesley Martins²

<https://orcid.org/0000-0003-1083-9515>

<http://lattes.cnpq.br/7194548982116038>

Centro Universitário Dinâmica União das Cataratas, PR, Brasil

E-mail: wesley.martins@udc.edu.br



Resumo

Objetivo: identificar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem que atuam nas salas de vacinas das Unidades Estratégia Saúde da Família do município de Foz do Iguaçu-PR. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, composta por sete profissionais técnicos e/ou auxiliares de enfermagem que atuam em salas de vacinação em um município do interior do estado do Paraná. A coleta de dados ocorreu em cinco unidades básicas de saúde no período de maio a junho de 2024. Para a coleta de dados foi realizada a aplicação de um questionário contendo 14 questões sobre o perfil sociodemográfico e informações voltadas para a temática central da pesquisa. **Resultados:** os participantes possuíam idade entre 24 a 56 anos, atuando em salas de vacinas a mais de seis meses, e tempo de formação de 1 a 15 anos. Os principais problemas apontados pelos participantes foram a escassez de treinamentos, horário e centralização das capacitações e a falta da presença do enfermeiro nas salas de vacinas. **Conclusão:** observou-se precariedade nas capacitações e treinamentos voltados para os profissionais de saúde atuantes em salas de vacinação, os horários e locomoção também foram apontados pelos participantes como um fator de impedimento para a participação dos treinamentos, a falta de presença do enfermeiro na sala de vacinação também foi um ponto destacado pelos participantes, sabemos que o profissional enfermeiro tem o papel de gerenciar a equipe de enfermagem,

¹Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC).

²Graduado em Enfermagem pela Universidade Estadual do Oeste do Norte do Paraná (UNIOESTE); Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Norte do Paraná (UNIOESTE); Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP).

devendo sempre verificar o andamento do setor, aplicar treinamentos, sanar dúvidas da equipe.

Palavras-chave: Educação Continuada. Vacinação. Equipe de Enfermagem.

Abstract

Objective: *to identify the difficulties faced by nursing professionals who work in the vaccination rooms of the Family Health Strategy Units in the city of Foz do Iguaçu-PR.*
Methodology: *this is a descriptive and exploratory research, with a qualitative approach, composed of seven technical professionals and/or nursing assistants who work in vaccination rooms in a municipality in the interior of the state of Paraná. Data collection took place in five basic health units from May to June 2024. For data collection, a questionnaire containing 14 questions about the sociodemographic profile and information focused on the central theme of the research was carried out.*
Results: *participants were aged between 24 and 56 years, working in vaccination rooms for more than six months, and training time of 1 to 15 years. The main problems highlighted by the participants were the lack of training, schedule and centralization of training and the lack of nurse presence in the vaccination rooms.*
Conclusion: *precariousness was observed in the qualifications and training aimed at health professionals working in vaccination rooms, schedules and transportation were also pointed out by participants as an impediment to participation in training, the lack of presence of nurses in the room vaccination was also a point highlighted by the participants, we know that the professional nurse has the role of managing the nursing team, and must always check the progress of the sector, apply training, and resolve the team's doubts.*

Keywords: *Continuing Education. Vaccination. Nursing team.*

1. Introdução

Vacinas são preparados biológicos que contém os agentes causadores de doenças, em sua forma viva, atenuada ou fragmentada. Seu propósito é induzir a imunidade ativa, estimulando uma resposta imunológica de longa duração. Através da imunização, é possível prevenir infecções, conter a disseminação de doenças na população e até mesmo erradicar certas enfermidades (PACHECO et al, 2023).

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento nos eventos adversos relacionados a erros na administração de vacinas no Brasil. Isso pode comprometer a aceitação das vacinas pela população, diminuindo as taxas de cobertura vacinal, e por consequência, afetando o controle de doenças evitáveis por imunização. Além disso, o movimento anti-vacinação, que propaga crenças infundadas sobre os danos causados pelas vacinas, pode se beneficiar se o processo de vacinação não for seguro (OLIVEIRA et al, 2018).

O enfermeiro encarregado da sala de vacinação deve estar presente diariamente, desempenhando um papel ativo na administração das vacinas, supervisionando continuamente a equipe de enfermagem, coordenando os aspectos técnicos da imunização, oferecendo orientações aos pacientes e/ou pais, gerenciando possíveis reações adversas e mantendo a integridade do sistema de registro e monitoramento dos imunobiológicos (RIBEIRO et al, 2017).

Devido à complexidade e dinâmica das salas de vacinação, a educação permanente é fundamental. A complexidade decorre da constante evolução dos conhecimentos em vacinação. Nos últimos anos, houve alterações nos calendários de

vacinação, com a introdução de novas vacinas e a expansão das faixas etárias recomendadas para a imunização. As diretrizes também sofrem atualizações frequentes, exigindo formação contínua e supervisão constante dos profissionais que atuam nas salas de vacinação (MARTINS et al, 2018).

Observa-se que a educação continuada permite aos profissionais adquirir novos conhecimentos, alinhando-se aos seus objetivos em relação à realidade em que atuam e melhorando seu desempenho profissional. Isso ocorre porque os profissionais desenvolvem competências e habilidades, preenchendo lacunas que podem ter surgido ao longo de sua formação acadêmica (OLIVEIRA et al, 2020).

Diante do exposto, a presente pesquisa objetiva verificar os desafios e dificuldades enfrentados pelos profissionais de saúde no processo de educação permanente nas salas de vacinação do município de Foz do Iguaçu. Além disso, visando compreender o papel do enfermeiro no ensino e na aplicação dos conhecimentos dentro da equipe de enfermagem.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, realizada com profissionais técnicos ou auxiliares de enfermagem que atuam em salas de vacinação no estado do Paraná. A coleta de dados ocorreu em cinco unidades básicas de saúde do município de Foz do Iguaçu no período de maio a junho de 2024.

Os critérios de inclusão da pesquisa foram: ser profissionais técnicos e/ou auxiliares de enfermagem que atuem diretamente nas salas de vacinação e estarem alocados a pelo menos seis meses nas Unidades Básicas de Saúde participantes desta pesquisa, foram excluídos do escopo da pesquisa os demais profissionais que não estejam citados nos critérios de inclusão, aqueles que atuam a menos seis meses nas unidades de saúde e aqueles que não atuam diretamente nas salas de vacinação.

Os sujeitos do estudo foram profissionais técnicos ou auxiliares de enfermagem que trabalham em salas de vacinas em unidades básicas de saúde. A amostra da pesquisa selecionou 5 unidades de saúde de cada distrito sanitário do município de Foz do Iguaçu, sendo os distritos: Norte, Sul, Leste, Oeste e Nordeste, totalizando 10 participantes, destes 7 se enquadraram nos critérios de inclusão e 3 nos critérios de exclusão.

O instrumento de coleta de dados foi dividido entre perguntas sociodemográficas e perguntas referentes a temática central. Os participantes foram questionados quanto a idade, sexo, raça, tempo de atuação profissional, tempo de atuação no setor, tempo de formação, quanto as questões centrais referentes a temática da pesquisa, os participantes foram indagados quanto a importância sobre educação continuada, de que forma ocorreram as capacitações, quem ministrou, se receberam capacitações ou orientações quando entraram para sala de vacina, quais as dificuldades enfrentadas para participarem dos treinamentos, presença do enfermeiro nas salas de vacinação e se falta algo nos treinamentos realizados.

Os participantes foram esclarecidos da não obrigatoriedade da participação na pesquisa e ao sigilo das informações mencionadas. Os profissionais que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa assinaram seu aceite atestando em duas vias do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE), sendo deixado uma via com os participantes. Cada questionário teve em média de resposta de 25 minutos e ocorreram em locais que permitiram o sigilo das informações.

Esta pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) através do parecer nº 6.848.604, vinculado ao Conselho

Nacional de Ética (CONEP), respeitando todas as questões éticas e legais regidos nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/2012 e 510/2015, cumprido os interesses físicos e emocionais de todos os envolvidos neste estudo.

3. Resultados e Discussão

Para melhor compreensão e análise dos resultados, os dados obtidos foram organizados em duas tabelas: a Tabela 1 apresenta o perfil sociodemográfico dos profissionais de acordo com o sexo, idade, raça, formação, tempo de formação e tempo de atuação em salas de vacinação e a tabela 2 mostra as perguntas e respostas do questionário aplicado aos participantes sobre a temática da pesquisa.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa, Foz do Iguaçu – PR, Brasil, 2024.

VARIÁVEIS	Nº	%
Sexo		
Feminino	6	78,6
Masculino	1	21,4
Idade		
24 a 31 anos	1	10,6
32 a 39 anos	2	29,8
40 a 47 anos	2	29,8
48 a 56 anos	2	29,8
Etnia		
Branco	5	78,8
Pardo	2	21,2
Formação		
Técnico em enfermagem	5	64,5
Auxiliar de Enfermagem	2	35,5
Tempo de Formação		
1 a 2 anos	2	24,6
10 a 15 anos	3	50,8
20 a 24 anos	2	24,6
Tempo de atuação em sala de vacinas		
6 a 8 meses	2	24,6
3 a 5 anos	3	50,8
15 a 16 anos	2	24,6

Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Com base nos dados obtidos, podemos observar que o público participante teve percentual maior de profissionais do sexo feminino, composto por 6 participantes, já o sexo masculino teve 1 profissional, variando a idade entre 24 a 56, sendo que 5 profissionais desempenham a função de técnico de enfermagem e 2 de auxiliares de enfermagem.

Segundo Lopes (2005), a predominância feminina no cuidado e na enfermagem faz com que ainda se identifique um discurso homogêneo em relação ao sexo. Apesar de algum grau de masculinização, não se pode falar em concorrência e rivalidades de sexo no interior da enfermagem. No discurso interno, afirma-se em estudos anteriores, que a enfermagem não deprecia as práticas masculinas e, no interior da equipe, é difícil identificar efeitos de condutas de competição entre os sexos.

De acordo com a formação, 65% dos participantes possuíam nível técnico completo, 35,5% nível auxiliar, em relação ao tempo de formação 24,6% dos integrantes do estudo tinham de 1 a 2 anos de formação, 50,8% de 10 a 15 anos e 24,6% de 20 a 24 anos e a maior parte indicaram pertencer a raça branca (78,8%).

No que se refere ao tempo de formação, um estudo sobre a caracterização das notificações de procedimentos inadequados na administração de imunobiológicos em Ribeirão Preto, São Paulo, 2007-2012 realizado por Brito et al (2013), observou-se dados relacionados a realização de procedimentos inadequados por profissionais de saúde em salas de vacinas tinham tempo de formação acima de 15 anos com 73 notificações e para os profissionais com 3 a 5 anos de formação, 21 notificações.

É extremamente importante o monitoramento contínuo dos eventos adversos pós-vacinação e dos erros derivados do processo de vacinação. Com isso, tanto os vacinadores podem reavaliar suas ações e qualificá-las, como também os usuários das salas de vacinas tem garantidos todos os aspectos que envolvem a segurança do paciente no uso de imunobiológicos. Caso isso não seja observado, corre-se o risco de diminuição das coberturas vacinais pela presença de alguns eventos adversos e erros, trazendo como consequência o aparecimento de novos surtos de doenças já controladas (FOLGEARINE, 2017).

A Tabela 2 apresenta os dados obtidos das respostas do questionário dos participantes sobre a temática da pesquisa.

Tabela 2. Respostas dos participantes sobre a temática da pesquisa, Foz do Iguaçu – Pr, Brasil, 2024.

VARIÁVEIS	n	%
Você recebeu treinamentos antes de iniciar o trabalho na sala de vacina?		
Sim	5	67,4
Não	2	32,6
Quem ministrou os treinamentos?		
Enfermeiro	1	10,2
Responsável pelo PNI	5	79,6
Técnico de Enfermagem	1	10,2
O enfermeiro responsável da unidade é presente na sala de vacina?		
Sim	2	27,3
Não	5	72,7
Quais dificuldades você enfrenta para participar dos treinamentos?		
Horário	4	36,2
Locomoção	3	63,8
O enfermeiro passa orientações sobre mudanças no calendário vacinal?		
Sim	2	21,5
Não	4	67,3
Para você falta algo nos treinamentos?		
Sim	4	55,4
Não	3	44,7

O que falta nos treinamentos?

Orientações e Capacitações	2	24,3
Cursos	3	51,4
Reuniões	2	24,3

Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Observando os dados, verificou-se que a maioria dos profissionais já receberam treinamento antes de começar a trabalhar em salas de vacinas, totalizando 67% dos profissionais capacitados, em contra partida 32,6 responderam que não receberam capacitação.

De acordo com Oliveira et al. (2016) A complexidade e quantidade de procedimentos ligados ao trabalho em sala de vacina, compreende-se a importância da educação permanente para toda a equipe de enfermagem. Nesta direção, a educação permanente é uma ferramenta para a qualidade do cuidado em sala de vacina, pois tem por objetivo mudanças nas práticas de gestão e de atenção, com o aumento da responsabilidade de profissionais e gestores do sistema de saúde.

No que diz respeito a forma em que ocorreu os treinamentos três participantes responderam que foi através de orientações e capacitações fora do setor 5 disseram que ocorreram através de cursos e reuniões em locais fora da sala de vacinação.

Para Oliveira (2016) citado por trindade (2018) Para ter efetividade no processo pedagógico, uma das estratégias seria não usar um modelo que utilize um método de reunião de pessoas em uma sala, simulando uma sala de aula, fora do contexto da sala de vacina em si e sem o envolvimento da equipe multiprofissional. Com isso, é desejável que se realize o processo de forma constante no próprio local de trabalho, valorizando o desempenho e a experiência do profissional, através de metodologias ativas, com troca de experiências, promovendo diálogo, no método de confiança mútua.

Em relação a quem ministrou os treinamentos recebidos 79,6 % participantes disseram ter sido o responsável técnico do (PNI) que realizou treinamento, 10,2% o enfermeiro responsável da unidade, 10,2% o técnico de enfermagem.

O (PNI) Programa Nacional de Imunizações coordena todas as ações de vacinação da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, ações essas quem envolve desde capacitações até a administração dos imunobiológicos, cujo intuito é ao de erradicar e ter controle sobre as doenças imunopreveníveis (TANNURE & GONÇALVES, 2011, citado por Silva 2018).

Além do (PNI) Programa Nacional de Imunizações destaca-se também o profissional enfermeiro, como responsável técnico e administrativo pela vacinação, sendo um recurso humano valioso, para melhoria da qualidade do serviço dentro das salas de vacina, e é importante a sua presença dentro das Unidades Básicas de Saúde (UBS), pois o mesmo, além da atuação, também exerce a supervisão da equipe (TERNOLPOLSKI et.al, 2015).

Por ser o enfermeiro o responsável técnico-gerencial, o mesmo exerce a supervisão como um relevante recurso de melhoria da qualidade das atividades prestadas, com o papel de organizar, monitorar e promover a evolução da equipe. A supervisão abrange todo o processo de acompanhamento do trabalho realizado na sala de vacina, indo além de trabalho com registros e metas, como no trabalho técnico dos trabalhadores da sala (TRINDADE, 2018).

Questionados sobre a presença do enfermeiro na sala de vacina 72,7% responderam que não é presente e 27,3 responderam que sim.

Em um estudo sobre a importância da atuação do enfermeiro na sala de vacina: uma revisão integrativa de Ribeiro et al (2017) diz que “O enfermeiro responsável pela sala de vacinação deve estar presente diariamente, atuando na vacinação, na supervisão contínua e na capacitação da equipe de enfermagem, coordenando e administrando os aspectos técnicos dos imunobiológicos, orientando o paciente e/ou pais, gerenciando possíveis reações adversas e dando manutenção no sistema de registro e monitoramento da conservação dos imunobiológicos”.

Para Santos et al (2017) a supervisão dos procedimentos de vacinação, é exigida do enfermeiro a Responsabilidade Técnica pelo serviço, estabelecida pela Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) n.o 302, de 16 de março de 2005. O enfermeiro deve orientar e prestar assistência aos usuários dos serviços de saúde em condições seguras, fazendo o acompanhamento das doses administradas e averiguando os efeitos adversos ocorridos, além de capacitar sua equipe, avaliar e buscar a atualização do conhecimento técnico-científico.

Dessa forma o supervisor técnico (enfermeiro capacitado) deve estar presente de forma frequente e sistemática para acompanhar e avaliar o desenvolvimento e supervisionar o trabalho mediante treinamento exclusivo e modernização. Visto que a qualidade dos serviços e o alcance das metas propostas não dependem somente da quantidade de profissionais, mas também da realização de capacitações que favoreçam a obtenção das desenvolturas técnicas e o desenvolvimento de atitudes (CASTOLDI, p. 30, 2011).

Para Braga et al. (2020) a má supervisão da sala de vacina compromete diretamente a assistência prestada à população. Desta forma, o enfermeiro precisa planejar e avaliar as atividades executadas na sala de vacinação, evitando a ocorrência de falhas nos procedimentos executados.

Sobre as dificuldades que os participantes da pesquisa enfrentam para participar dos treinamentos, 63,8% responderam que o meio de locomoção para chegar nos locais das capacitações se torna um empecilho por ocorrerem em locais distantes.

No qual para Castoldi (2011) é necessário rever os métodos utilizados nos serviços de saúde para que a educação permanente seja, para todos um processo sistematizado e participativo, tendo como cenário o próprio espaço de trabalho, pois o pensar e o fazer são insumos fundamentais do aprender e do trabalhar.

Em um estudo de Oliveira (2016) aponta que no cotidiano dos serviços de saúde, as ações educativas dirigidas aos técnicos/auxiliares de enfermagem, normalmente os executores do cuidado em sala de vacina, não vêm sendo inseridas no planejamento de atividades do enfermeiro. Alguns estudos brasileiros que abordam o cuidado em sala de vacina apontam para uma ausência de capacitação aos profissionais de nível médio e, conseqüentemente, muitos procedimentos normatizados não estão sendo executados nas instâncias locais, colocando em risco o controle das doenças imunopreveníveis.

Quando questionados sobre faltar algo nos treinamentos, emergiram-se alguns discursos, tais como:

“Nas atualizações de vacinas está satisfatória, porém nas vacinas de rotina deveria ter mais orientações” (entrevistada 01)”.

“Falta de informação das campanhas, quando exatamente que começa a vacinação de novas vacinas. Por que a mídia sabe de tudo, antes de nós que atuamos diretamente na sala de vacina” (entrevistada 02)”.

“Muitas vacinas mudam na rotina, quando muda o calendário ou vacinação, e ocorre a capacitação muito depois” (entrevistada 03)”.

Em estudo de Martins et al. (2018) sobre educação permanente em sala de vacina: qual realidade? “revela que estudos realizados no Brasil e no exterior mostram as deficiências existentes na capacitação dos trabalhadores que atuam em sala de vacina. As atualizações realizadas aos profissionais são assistemáticas e os procedimentos normatizados preconizados nem sempre são executados nas instâncias locais, colocando em risco a conservação, o manuseio e o preparo dos imunobiológicos, bem como o controle das doenças imunopreveníveis. A avaliação periódica, a educação permanente e contínua e a resposta aos requisitos de treinamento, como a motivação da equipe, contribuem para sanar esses entraves”.

Quanto ao questionamento sobre por que é importante a educação permanente em salas de vacinas, emergiram-se alguns discursos, tais como:

“O calendário vacinal muda constantemente, então é necessário sempre estar atualizado” (entrevistada 03)”.

“É importante para poder estar sempre atualizado das novas regras e informações vacinais (entrevistada 04)”.

“Por que a sala de vacina é muito flexível, exemplo: a vacina muda, o cronograma muda, os calendários ficam desatualizados, número de doses, etc...” (entrevistada 02)”.

“Para evitar possíveis erros de vacinação” (entrevistada 06)”.

“É importante estar por dentro de todas as normativas, mudanças, principalmente com relação a vacinas é de uma importância” (entrevistada 07)”.

A Educação Permanente em Saúde (EPS) é compreendida como um conceito pedagógico que relaciona ensino, serviço, docência e saúde, contribuindo para o desenvolvimento profissional, a gestão setorial e o controle social. A EPS tem por base os pressupostos da aprendizagem significativa que devem ser orientadores das ações de desenvolvimento profissional e das estratégias de mudança das práticas de saúde (FRANÇA et al., 2017).

É notória a necessidade de educação em qualquer seguimento da sociedade, pois, para adquirir qualificação profissional faz-se necessário a educação permanente, tendo em vista, que a educação formal por si só não consegue dar conta de uma adequada formação ao sujeito, devido ao leque de necessidades de conhecimento das mais variadas áreas. Sendo a educação permanente um agente transformador da técnica, também influencia o lado pessoal, profissional e social (PINTO et al., 2015).

De acordo com França (2016) citado por Santos et al. (2016) a Educação Permanente em Saúde (EPS) tem sido compreendida uma estratégia transformadora das práticas de saúde, com grande potencial para o rompimento do paradigma tradicional que orienta os processos de formação dos trabalhadores da saúde. Constitui-se como um instrumento possibilitador do desenvolvimento pessoal, social e cultural e está centrado nos processos de ensino-aprendizagem onde o próprio sujeito que aprende é um agente ativo, autônomo e gestor de sua educação. É ele, ao mesmo tempo, educador e educando.

A Educação permanente é uma estratégia que incorpora o ensino e o aprendizado à vida cotidiana das organizações e às práticas sociais e laborais no contexto real em que ocorrem, pois se baseia na aprendizagem significativa e na possibilidade de transformar as práticas profissionais. Apesar de existir uma Política Nacional de Educação Permanente, observa-se ainda que existem inúmeras deficiências na capacitação do pessoal em sala de vacina (OLIVEIRA et al., 2016).

4. Considerações Finais

Observou-se com este estudo que há uma precariedade nas capacitações e treinamentos voltados para os profissionais de saúde atuantes em salas de vacinação, os horários e locomoção também foram apontados pelos participantes como um fator de impedimento para a participação das capacitações, a falta de treinamento nas salas de vacinas pode acarretar a erros de administração do imunobiológico, podendo acarretar em consequências graves para as pessoas que buscam por esse atendimento.

A presença do enfermeiro na sala de vacinação também foi um ponto destacado pelos participantes, pois muitas vezes ele não está presente, e sabemos que é de fundamental importância a sua presença, já que o profissional enfermeiro tem o papel de gerenciar, coordenar, administrar a equipe de enfermagem, principalmente em salas de vacinas, por ser um ambiente complexo, que necessita de atualizações constantes dos profissionais de saúde, é dever do enfermeiro sempre verificar o andamento do setor, aplicar treinamentos, sanar dúvidas da equipe, então ele necessita estar capacitado técnico e cientificamente para poder orientar e treinar a equipe de saúde sempre que for necessário.

Espera-se que os resultados aqui apresentados possam permitir uma reflexão sobre as capacitações nas salas de vacinação, afim de buscar meios para que permita o profissional de saúde a se atualizar e se qualificar para melhor atender a população, sabemos das dificuldades enfrentadas, mais a complexidade que envolve as vacinas faz-se necessário que a educação continuada seja melhor aplicada, para assim prestar uma assistência de qualidade para as pessoas que utilizam este atendimento.

5. Referências

BRAGA A. C.; et al. Conhecimento e prática dos enfermeiros em sala de vacina. **Revista Ciência Saúde**. 2020;5(2):51-58.

BRITO M. F.; et al. Caracterização das notificações de procedimentos inadequados na administração de imunobiológicos em Ribeirão Preto, São Paulo, 2007-2012. **Revista Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 23(1):33-44, jan-mar 2014.

CASTOLDI A G. CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS EM SALA DE VACINA. **Revista Repins Unifaema**, Repositório Institucional. Disponível em: <http://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/2047> Acesso em mar 2024.

FRANÇA T.; et al. Política de Educação Permanente em Saúde no Brasil: a contribuição das Comissões Permanentes de Integração de Ensino-Serviço, **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 6, v. 22, 2017.

FOLGEARINE G. F. Segurança do paciente em imunizações: Vacinação Segura Da Teoria à Prática. **Repositório Intitucional UNISC** -Santa Cruz do Sul, julho de 2017. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/1675> Acesso em abr 2024.

LOPES M. J. M.; et. al. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Revista Dossiê: Gênero & Saúde** - Cad. Pagu (24) - Jun 2005.

MARTINS J. R. T.; et al. Educação permanente em sala de vacina: qual a realidade? **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(supl1):668-76.

OLIVEIRA V. C.; et al. Educação para o trabalho em sala de vacina: percepção dos profissionais de enfermagem. **R. Enferm. Cent. O. Min.** 2016 set/dez; 6(3):2331-2341.

OLIVEIRA V. C.; et al. A percepção da equipe de enfermagem sobre a segurança do paciente em sala de vacina. **Revista Cuidarte** 10(1): e590 - Vol. 10 Nº 1 ENERO - 10(1): e590 - Abril 2019.

OLIVEIRA A. O. Educação Permanente no Centro de Tratamento Intensivo. **Rev. Enferm. UFPE online.** 2020;14: e244644.

PACHECO B. S.; et al. Orientação em Saúde Quanto a Imunização da UBS Paulo Frota. **Revista Open Science Research XI**, Volume 11 - Ano 2023 - Editora Científica Digital.

PINTO J. R.; et al. Educação permanente: reflexão na prática da enfermagem hospitalar. **Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva** - v. 9 - n.1 - 2015.

RIBEIRO A. B.; et al. A importância da atuação do enfermeiro na sala de vacina: uma revisão integrativa. **Revista de enfermagem UFJF**, Juiz de fora, Vol. 3. n. 1.

SANTOS P. A.; et al. Conhecimento, atitude e prática dos vacinadores sobre vacinação infantil em Teresina-PI, 2015. **Revista Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 26(1):133-140, jan-mar 2017.

SILVA S. A. A importância do aumento do nível de atividade física diária em jovens brasileiros do ensino fundamental e médio. **Revista de Saúde Integral.** Vol. 1, n. 1, dez. 2018.

TERNOPOLSKI C. A.; et al. Eventos Adversos Pós-Vacinação: Educação Permanente Para Equipe De Enfermagem. **Revista Espaço Saúde** - Vol. 16 - Londrina - nº 4 - p. 109-119 - out/dez. 2015.

TRINDADE A. A.; et al. As implicações práticas do enfermeiro em saúde da família: um olhar sobre a sala de imunizações. **Revista Acervo Saúde.** Vol. 19, p. e263, nov. 2018.